

Pavilhão 9: estigma e liminaridade urdidos entre carnaval e futebol¹

Júlio César Valente Ferreira (CEFET/RJ)²

Palavras-chave: Torcida Organizada. Carnaval. Pavilhão 9.

1. Considerações iniciais

Futebol e carnaval são exemplos de manifestações culturais que rompem uma suposta barreira de segmentação classes, sem deixarem sua constituição substantiva popular (Williams, 2011/1980).

Sobre o futebol, dentre outros trabalhos, a observação de DaMatta (1982) sobre o potencial de socialização que o futebol permite, conformando um microcosmo muito particular em nossa sociedade, continua válida e, mais ainda corroborada, com os potentes fluxos informacionais suportados por sistemas ciberfísicos (Latour, 2012/2005).

Por outro lado, o carnaval apresenta características semelhantes no que tange aos padrões de socialização e formulação de um microcosmo (Leopoldi, 2010/1978), mesmo que o regime temporal suporta sazonalidades não existentes no futebol (DaMatta, 1997/1979).

Com isto, um dos nortes do presente trabalho é analisar o futebol e o carnaval a partir da perspectiva de serem espaços onde se configuram dramas sociais (Turner, 2013/1974, 2015/1982).

Toledo (1996) destaca que, na cidade de São Paulo, as torcidas organizadas são organizações populares criadas em torno do futebol e que, em alguns casos, também participam como agremiações carnavalescas na folia paulistana. Para Toledo (1996), a diferença entre estas modalidades de sociabilidade baseadas em disputas reside no fato de que, no carnaval, as torcidas organizadas participam como protagonistas.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto e 03 setembro de 2022.

² Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Adjunto no *campus* Nova Iguaçu do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) do Departamento de Engenharia Mecânica e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão e do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais do Extremo Oriente. Coordenador Científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento. E-mail: jcvferreira@hotmail.com

O trabalho tem como objetivo discorrer sobre breves questões etnográficas sobre a preparação e o desfile do Bloco Especial Pavilhão 9³, configurando desta forma as sociabilidades que sustentam relações que produzem sujeitos críticos, autônomos e potentes e os atravessamentos que constituem sujeitos múltiplos e marcados por diferenças. No caso da Pavilhão 9, a institucionalização da Pavilhão 9 como torcida organizada e bloco especial praticamente ocorre ao mesmo tempo, entre 1990 e 1991, imbricando ainda mais uma materialidade onde a cultura encontra um substrato para se assentar. (Williams, 2011/1980).

A literatura específica sobre a relação entre estas formas de sociabilidade experimenta um momento de crescimento, mas ainda é escassa, com trabalhos que buscam descrever: (i) quem são estas torcidas organizadas ou agrupamentos em torno do pertencimento clubístico no universo do samba (Campos e Louzada, 2012) (Barbieri, 2020), (ii) através da análise do resultado de um *survey*, em que grau estes torcedores organizados aderem ao carnaval de sua torcida organizada (Hollanda e Medeiros, 2018), (iii) como estas duas cosmovisões se imbricam no caso de uma torcida organizada específica, focando os mecanismos conciliatórios dos discursos de virilidade da torcida organizada e de confraternização preconizado pelo carnaval, tendo como estudo de caso a torcida organizada e escola de samba Gaviões da Fiel, dedicada ao Corinthians (Bueno, 2015) (Souza Junior, 2020) e (iv) os processos de conflito e conciliação entre carnaval e futebol ao longo da existência de uma torcida organizada e suas influências na preparação do carnaval (Ferreira, 2020). Também há uma parte de um dos capítulos da publicação de Toledo (1996) que descreve a preparação do carnaval do bloco especial (na época) ligado à torcida organizada Camisa 12, dedicada ao Corinthians.

2. Questões metodológicas

O estudo realizado possuiu enfoque qualitativo. Para tal, teve relevância o delineamento, a observação e a compreensão deste universo apreendido etnograficamente (Peirano, 2001).

³ No Rio de Janeiro, os blocos especiais (também chamados de blocos de fantasia) são denominados blocos de enredo (Ferreira, 2018). A referência comparativa se faz, pois não foram encontradas pesquisas sobre este tipo de manifestação carnavalesca em São Paulo. O desfile dos blocos especiais possui estrutura competitiva, estética visual e musical similar às escolas de samba e desfile no formato de parada (o qual prevê a preparação de uma avenida ou rua para o ritual e nela se destacam locais por onde devem passar os desfilantes, onde deve ficar a plateia e o lugar destinado às autoridades e comissão julgadora), sendo todas as agremiações deste tipo organizadas na União das Escolas de Samba Paulistas (UESP).

A pesquisa em curso ancora-se nas conclusões do estudo empreendido por Ferreira (2020), o qual mostra que, em São Paulo, a relação entre o futebol e o carnaval no interior das torcidas organizadas não ocorre nas mesmas condições de contorno, apesar da literatura escassa sobre o assunto assumir um construto semelhante, identificando tão somente quem são estas agremiações e em que grau estes torcedores organizados aderem ao carnaval de sua torcida organizada. Sobre estas condições de contorno, apenas os trabalhos de Bueno (2015) e Souza Junior (2020) versam sobre como estas duas cosmovisões se imbricam no caso de uma única torcida organizada específica.

Como fonte inicial de consulta de dados, optou-se pela consulta à documentação disponibilizada pela Sociedade Amantes do Samba Paulista (SASP). A consulta a este acervo permitiu traçar o histórico da participação da Pavilhão 9, desde sua estreia como bloco especial em 1992 (sua fundação ocorreu antes, em 1990), com informações ano a ano sobre a divisão hierárquica em que se encontrava, classificação no concurso e título do enredo apresentado.

Entre os meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020 e de janeiro a abril de 2022, foi promovida a observação participante através da ida ao desfile do carnaval de 2020 e 2022 e de visitas à quadra da Pavilhão 9 e aos locais de produção de seus desfiles. Ao longo desta observação, entrevistas informais foram realizadas, as quais, para além dos próprios dados obtidos, auxiliaram na organização das entrevistas semiestruturadas.

Além das entrevistas individuais, optou-se também pela formação de grupos de memória, considerando a perspectiva de Halbwachs (1990/1950), entendendo-os como grupos de partilha, sem objetivar uma ação efetiva de intervenção social, mas sim por se caracterizar por partilhar experiências em comum, constituindo assim um tipo de ação comunicativa.

As entrevistas tiveram como norte partilhar experiências sobre o histórico pessoal e coletivo no futebol e no carnaval, além das forças sociais mobilizadoras de redes de apoio.

3. Torcidas organizadas: futebol e carnaval

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, agremiações carnavalescas foram fundadas a partir de times de futebol amador. No Rio de Janeiro, temos os casos da Mocidade Independente de Padre Miguel, União da Ilha, São Clemente (esta, inclusive, ainda mantém em atividade seu departamento de futebol de areia). Em São Paulo, como

exemplos, encontram-se agremiações como a Vai-Vai, Águia de Ouro e Colorado do Brás.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, há a coexistência dos coletivos descritos no parágrafo anterior com as agremiações formadas por torcidas organizadas dedicadas aos clubes de futebol profissional. Em São Paulo, o fenômeno data da década de 1970 e, no Rio de Janeiro, este molde somente se concretiza no carnaval de 2022, tendo antes experiências efêmeras calcadas na seara de pertencimentos clubísticos. Somente em 2019 inicia-se uma prática de forma orgânica, a qual resultou, em primeiro lugar, em escolas de samba de pertencimento clubístico para, em 2022, surgirem as primeiras agremiações carnavalescas de torcidas organizadas de futebol.

Há uma clivagem entre futebol e carnaval e que marca as torcidas organizadas, estigmatizando-as. Para Pimenta e Silva (2019), a diferença está no fato do carnaval ser um ambiente de maior cordialidade e rivalidades arrefecidas. Mas, exemplos no interior do carnaval permitem refutar esta tese. O uso da violência (tipicamente atrelada às torcidas organizadas de futebol) também se revela nas escolas de samba, como demonstra o trecho a seguir sobre a apuração do carnaval de São Paulo de 2012.

Nessa ocasião, um homem credenciado pela Império da Casa Verde que estava, portanto, no espaço reservado aos representantes das escolas de samba, aproveitou-se de tumulto em frente à mesa de apuração para subir na mesa junto com integrantes das escolas Camisa Verde e Branco e Gaviões da Fiel rasgando os mapas de notas que estavam sendo lidos naquele momento. O tumulto prosseguiu mesmo após encerramento da apuração com a participação de torcedores da Gaviões da Fiel que lotavam uma das arquibancadas do Sambódromo do Anhembi. Os torcedores promoveram um quebra-quebra no trajeto de saída da apuração com a depredação e incêndio de carros alegóricos da escola rebaixada na ocasião, a Pérola Negra. [...] A mídia paulistana relacionou a rivalidade destas torcidas a violência desencadeada naquela apuração, apesar de outras duas escolas que não eram ligadas ao futebol terem protagonizado a confusão. (Barbieri, 2016, p. 168)

No Rio de Janeiro, Barbieri salienta que o panorama não é diferente no que tange à violência no carnaval das escolas de samba, principalmente no momento da apuração das notas, onde se conhece o campeão do ano.

A apuração carioca das escolas do Grupo Especial, a 1ª divisão, é transmitida pela Rede Globo de Televisão para todo o Brasil e, portanto, poderia ser apontada como um possível modelo para outros carnavais brasileiros. Isto não isenta essa apuração da tensão e dos conflitos por mais que estes sejam muitas vezes evitados pela transmissão televisiva. São as escolas de samba insatisfeitas ou malsucedidas na classificação final que protagonizam os conflitos. São inúmeros os exemplos de confusões entre torcedores e dirigentes das escolas no Rio de Janeiro, ainda em tempos em que as apurações não eram transmitidas pela TV. (Barbieri, 2016, p. 167)

Em Manaus, Barbieri (2016) também relata situações de magnitude semelhante:

Em Manaus, os registros de confrontos violentos em apurações não ficam para trás. O historiador Daniel Sales cita dois dos mais marcantes: a batalha entre torcedores da Mocidade de Aparecida e da Vitória Régia. Enquanto o primeiro se deu nos primórdios da rivalidade entre as duas escolas, no carnaval de 1982, o segundo aconteceu em pleno sambódromo no carnaval de 1994. (Barbieri, 2016, p. 168)

4. Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco Torcida Clube Desportivo Pavilhão 9

Segundo Vedovello e Rodrigues (2020), o marco zero da Pavilhão 9 ocorre em 1990 e já mostra que este microcosmo potente se revela para muito além do estigma (Goffman, 2006/1963) de serem um dos protagonistas da violência urbana.

“Fundada no dia 9 de setembro de 1990, a organização dessa torcida se deu através de um grupo de corinthianos de Osasco e da Vila dos Remédios, Zona Oeste da cidade de São Paulo, que faziam um trabalho social, levando lanches, refrigerantes e cigarros para um grupo de corinthianos detidos no raio Pavilhão 9 do presídio Carandiru – localizado em Santana, Zona Norte da capital paulista. O nome da torcida é, portanto, uma referência ao raio de presos do Carandiru, mas não é uma alusão aos mortos no massacre, uma vez que a fundação da torcida aconteceu antes deste evento.” (Vedovello e Rodrigues, 2020, p. 168)

Ainda considerando o artigo de Vedovello e Rodrigues (2020), em uma das entrevistas, Demetrius, um dos fundadores da torcida pontuou questões sobre o início da Pavilhão 9, onde destaca o estigma (Goffman, 2006/1963) de uma torcida organizada ter o nome remetente ao sistema carcerário:

“Tem muita gente que liga a torcida [a fundação] ao Massacre do Carandiru, só que a torcida foi fundada em 1990, dois anos antes, e a fundação foi assim, de um grupo de corinthianos, uns eram associados dos Gaviões, outros não. Eram uns corinthianos que iam para jogo do Corinthians ali na região de Osasco, Vila dos Remédios e eles tinham um trabalho social lá na Casa de Detenção, faziam arrecadação e levavam mantimentos para os detentos. Faziam jogos amistosos com um time de detentos. Lá tinha um time que era o Corinthians do Pavilhão 9 e o pessoal tinha uma amizade com o pessoal do Corinthians do Pavilhão 9. Eles iam sempre nos torneios lá, sempre estavam na frente, sempre eram campeões e para estar nesse time a obrigação era ser corinthiano [...] aí na época, o pessoal que estava aqui fora falou ‘vamos fundar uma torcida’, aí os caras queriam fundar uma torcida, uma torcida que corinthiano já é mais criminalizado, discriminado, aí os caras quiseram fundar uma torcida para os coringão mais pobre e louco mesmo, mais marginalizado, com as roupas mais baratas, com os materiais mais em conta, mensalidade mais barata e os caras deram umas sugestões de nome: favela, povão...algumas pessoas foram lá e falaram: aqui, a gente tem contato com o pessoal lá do Pavilhão 9, que mesmo os caras estando privado da liberdade não vai abandonar o Corinthians, já que é o time Corinthians do Pavilhão 9, porque a gente não põe o nome da torcida Pavilhão 9, também? Até para homenagear os caras que estavam lá privados da liberdade e não abandonaram o Corinthians. Daí deram esse nome: CD Pavilhão 9, Garra Corinthiana” (Vedovello e Rodrigues, 2020, p. 168-169)

Para Santiago, ex-membro do corpo diretor da torcida, há um tensionamento carnaval x futebol, principalmente no que tange ao gerenciamento dos recursos:

“No mundo da torcida do Corinthians, o carnaval no meio da torcida é meio rachado. Muita gente que convive muito com torcida é contra o carnaval. O sócio comum gosta do carnaval. Mas, quem é mais inteirado, e isso eu falo de todas as torcidas do Corinthians, sempre teve essa briga, esse negócio de que a gente faz carnaval, investe muito no carnaval e não investe na torcida ou acha que investe muito na torcida e pouco no carnaval. Então, sempre tem uma crítica. Você investir na torcida e no carnaval é muito difícil (...) Sempre teve esse desafeto. Não do sócio comum, que sempre gostou, porque antes o calendário do futebol, em janeiro era férias. Janeiro não tinha nada. Então, na época não tinha tecnologia, então ninguém falava com ninguém. (...) Então, fortaleceu esse movimento das escolas de samba de torcida do Corinthians, dos blocos, pra ter nesse mês ele ter um juntamento com as pessoas, para você não parar de ver as pessoas. (...) Hoje em dia, esse negócio tá minoria. Dentro do Pavilhão, se for, é só 5% só. Acho que todo mundo já está vendo os dois lados e já aceitou.”

No entanto, Rodrigo, atual membro da diretoria e com forte presença na organização do carnaval pontua a estrutura teleoafetiva que este tipo de coletivo promove:

“Você está levando o nome do Corinthians primeiramente, né, que é a razão de nossa existência e do bloco, né, também que é o nosso nome que a gente leva no nosso dia a dia, e o Corinthians como sempre em primeiro lugar.”

Para a manutenção deste *dever* teleoafetivo, a diretoria da Pavilhão 9 direcionou toda a produção do carnaval a um ex-dirigente da torcida com mais de 20 anos de experiência no carnaval das escolas de samba junto à LIGA SP. Segundo Santiago, é muito difícil gerenciar as duas coisas (torcida e bloco). Então, eles buscaram apoio com o Vinícius, o qual é tratado como diretor de carnaval e que o trouxe o Lourival, que não tem qualquer ligação com o futebol, tendo somente experiência na administração da produção de um desfile carnavalesco, para gerir a confecção plástica do carnaval e o cronograma de atividades do bloco

Desta forma, é possível configurar a interação da Pavilhão 9 no carnaval e no futebol a partir de uma *mancha* (que está na quadra, na avenida de desfile, na arquibancada e em qualquer outro lugar onde são convidados), segundo o conceito estabelecido por Magnani (2008), que se constitui em uma *comunidade de sentimento* (Appadurai, 1996), não mais se restringindo a um território físico, cuja estrutura de governança possui em seu cerne, para além do *habitus* (Bourdieu, 1989), uma *estrutura teleoafetiva* (Schatzki, 1997), referindo-se a emoções que são aceitas e aconselhadas, consideradas como válidas ou legítimas na prática.

Cabe ressaltar que, em São Paulo, as torcidas organizadas somente poderiam se inscrever como blocos especiais, sendo vedada a criação de escola de samba, interdito este que somente foi removido para o carnaval de 1989, com o convite feito pela Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (LIGA SP)⁴ ao bloco especial Gaviões da Fiel para se tornar escola de samba⁵.

Complementando este aspecto da estigmatização, Ferreira (2020) destaca uma fala de uma integrante de escola de samba de torcida organizada. Patrícia afirmou que:

“As escolas de samba e blocos especiais ligados às torcidas organizadas são discriminadas porque as demais tem medo. Falam que tirou o glamour, tirou gente. Porque juntou as duas maiores paixões do brasileiro: futebol e carnaval. Acham que não conseguirão mais patrocínios porque eles vão para as torcidas organizadas, que dão mídia o ano inteiro, diferente das escolas de samba.” (Ferreira, 2020, p. 8).

Por outro lado, Ferreira (2020) também alerta que, mesmo no carnaval, a relação entre as torcidas organizadas pode ser conflituosa.

“Em um ano, a TUP estava com problemas no Anhembi para terminar seu carro alegórico e o pessoal da Torcida Jovem do Santos foi em peso ajudá-los, pois já tinham terminado de montar seu carro. [...] Há uns seis, sete anos atrás, na própria Vila Esperança, houve um porradal da TUP com a o pessoal da Torcida Jovem do Santos (a sede deles fica próxima) e duas pessoas da Torcida Jovem foram mortos. O conflito ocorreu do outro lado da estação de metrô onde ocorre o desfile.” (Ferreira, 2020, p. 8).

Reforçando os dois depoimentos acima, em determinado momento, no carnaval de 2020, ao meu lado, um dirigente de uma escola de samba não ligada ao futebol comentou que:

“o problema é que o pessoal de escola de samba acha que o procedimento no carnaval é igual a no estádio. Esse pessoal sempre chega na marra, pensando que é estádio, meter o dedo na cara. É um pessoal complicado, pois as escola de samba de torcida já vem com este espírito de arquibancada, agressivo, cheio de stress e traz para o carnaval, principalmente no relacionamento com os órgãos públicos.”

⁴ A LIGA SP foi fundada em 19 de julho de 1986 como dissidência das principais escolas de samba filiadas à UESP. Desde esta data, as duas primeiras divisões hierárquicas do concurso das escolas de samba paulistanas foram assumidas pela LIGA SP, cabendo à UESP a gestão dos demais grupos de escolas de samba e de blocos especiais.

⁵ De 1977 a 1988, contabilizando desta forma doze participações, o bloco especial Gaviões da Fiel foi campeão em 11 anos e vice-campeão no ano em que não venceu. Tratava-se então de uma agremiação que já não possuía mais concorrente no grupo de blocos especiais. Porém, de forma direta, sem competir nas divisões hierárquicas organizadas pela UESP, a Gaviões da Fiel já estreou como escola de samba na segunda divisão hierárquica das escolas de samba. Este foi um caso único. Os demais blocos especiais oriundos de torcidas organizadas e que se transformaram em escolas de samba iniciaram sua caminhada nos grupos organizados pela UESP.

No entanto, a Pavilhão 9 sofre uma estigmatização maior (e, em alguns momentos, até entre outras torcidas organizadas) por conta de ter sido lócus de assassinatos brutais, tendo destaque o de 2015:

“Em 18 de abril de 2015, ocorria dentro da sede da Torcida Organizada Pavilhão 9 um churrasco comemorativo de um campeonato de futebol. Conforme dados contidos na denúncia oferecida pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, ao Juiz de Direito do 5º Tribunal do Júri da Capital, já por volta das 22h30m, quando a maioria dos torcedores haviam se retirado da quadra, três homens armados adentraram o local, rendendo as pessoas que ainda se encontravam lá. Consta ainda que esses três homens determinaram que os torcedores se ajoelhassem e colocassem as mãos na cabeça. Em um momento de distração desses três homens, alguns torcedores conseguiram fugir da quadra e, no momento seguinte, ouviram-se disparos e os oito torcedores que não conseguiram fugir foram executados no local.” (Vedovello e Rodrigues, 2020, p. 163)

Mas, Santiago considera que, dentro das torcidas organizadas do Corinthians, este processo recuou consideravelmente:

“Todos os irmãos brigam, né. Toda família briga, né. Não tem como... É inevitável. Na época em que o Pavilhão foi fundado, tinha um briga feia com os Gaviões. (...) Com a Camisa 12 já tivemos conflito. Mas assim, tudo se resolve. Discute ali, briga ali... Mas, toda família tem briga, né”

7. Considerações finais

A inserção da Pavilhão 9 no carnaval decorreu naturalmente por conta de boa parte dos membros fundadores já participarem do carnaval paulistano. Também se revelou uma configuração de sociabilidades a qual não permite estabelecer uma separação rígida entre um *habitus* de torcedor organizado e outro de folião. Na realidade, uma tríade – *mancha, comunidade de sentimento e estrutura teleoafetiva* – se faz necessária para a compreensão deste fenômeno que imbrica futebol e carnaval, onde aqueles que são considerados coadjuvantes no futebol tornam-se atores principais no campo do carnaval.

No decorrer do estudo verificou-se que, apesar de identificar os mesmos mecanismos conciliatórios, as mudanças empreendidas na participação no carnaval nos últimos três anos, quando se alterou a gestão de produção do desfile, vêm possibilitando à Pavilhão 9 ocupar o espaço urbano de outras formas para além do já estabelecido como torcida organizada, marcado profundamente pelo estigma e pela posição de liminaridade no próprio universo das torcidas organizadas em virtude de uma série de eventos trágicos (internos ou externos relacionados) ao longo da existência. Por fim, destaca-se que, como torcida organizada ou bloco especial, o discurso norteador sempre é honrar o nome e a instituição Sport Club Corinthians Paulista.

Referências Bibliográficas

Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Barbieri, R. J. de O. (2016). *Carnaval em Manaus (AM): a cidade e suas escolas de samba*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/834978.pdf>

_____ (2020). Escolas de samba e futebol no Rio de Janeiro. In M. L. V. de C. Cavalcanti, & R. de S. Gonçalves (Orgs.). *Carnaval sem fronteiras: as escolas de samba e suas artes mundo afora* (pp. 197-216). Rio de Janeiro: Mauad X.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bueno, A. (2015). Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In B. B. de Hollanda, & P. L. Negreiros (Orgs.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol* (pp. 219-254). Rio de Janeiro: 7Letras.

Campos, H. B., & Louzada, R. (2012). A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. *Maguaré*, 26(2), 147-171.

DaMatta, R. (Org.) (1982). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

_____ (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1979).

Ferreira, J. C. V. (2018). *Blocos de Enredo: seu lugar e seus significados na configuração do carnaval carioca*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

_____ (2020, outubro/novembro). “Isto aqui não é uma torcida. Isto aqui não é uma escola de samba. Isto aqui é um hospício.”: a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) e a Sociedade Escola de Samba TUP. *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 32.

Goffman, E. (2006). *Estigma: la identidad deteriorada*. (L. GuinsbergGlaser, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1963).

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (2a ed., L. L. Schaffter, Trad.). São Paulo: Vértice. (Obra original publicada em 1950).

Hollanda, B. B. B. de, & Medeiros, J. (2018). Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. *Mosaico*, 9(14), 23-47.

Leopoldi, J. S. (2010) *Escola de samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Obra original publicada em 1978).

- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. (G. C. C. de Sousa, Trad.) Salvador: Edufba. Bauru: Edusc. (Obra original publicada em 2005).
- Magnani, J. G. C. (2008). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In Magnani, J. G. C., & Torres, L. de L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana* (3a ed., pp. 12-53). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Peirano, M. (2001). A análise antropológica dos rituais. In _____ (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais* (pp. 17-40). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Pimenta, C. A. M., & Silva, G. C. da (2019). Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. *Sociedade e Cultura*, 22(1), 318-337.
- Schatzki, T. R. (1997). Practices and actions: a wittgensteinian critique of Bourdieu and Giddens. *Philosophy of the Social Sciences*, 27(3), 283-308.
- Souza Júnior, R. de A. P. de (2020, outubro/novembro). Da arquibancada à avenida: praticas de sociabilidade e disputa dentro de uma torcida organizada de futebol. *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 32.
- Toledo, L. H. de (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.
- Turner, V. W. (2013). *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. (N. C. de Castro & R. A. Rosenbusch, Trad.) Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1974).
- _____. (2015). *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. (M. Markowitz & J. Romeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Obra original publicada em 1982).
- Vedovello, C. de L, & Rodrigues, A. M. (2020). As chacinas em São Paulo: da historicidade à chacina da Torcida Pavilhão 9. *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, 7(2), 161-179.
- Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo*. (A. Glaser, Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1980).